Japan at a Strategic Crossroads: New Security and Defence Dynamics

Japan is undergoing a profound transformation of its security and defence posture. Against the backdrop of intensifying strategic competition in the Indo-Pacific, growing uncertainty surrounding the regional order, and the emergence of increasingly complex security challenges, Tokyo has progressively reassessed the scope of its strategic responsibilities. The adoption of the 2022 National Security Strategy and subsequent policy developments suggest that Japan is moving beyond the parameters that traditionally defined its post-war security identity. Yet this transformation is neither linear nor complete. Rather, it reflects an ongoing process of adjustment in which new capabilities and partnerships coexist with enduring institutional constraints, normative commitments, and the centrality of the U.S.–Japan alliance.

This special issue, "Japan at a Strategic Crossroads: New Security and Defence Dynamics," explores these developments from complementary historical, theoretical, institutional, and policy perspectives. Taken together, the contributions demonstrate that Japan's emerging strategic role cannot be adequately captured by the conventional notion of military "normalisation." Instead, Japan appears to be developing a more complex and multidimensional security identity.

Tosh Minohara examines this transformation through Japan's evolving security posture under Prime Minister Sanae Takaichi. His contribution situates recent developments within the cumulative reforms associated with the Abe and Kishida administrations and argues that Japan has entered a new phase characterised by accelerated implementation and the externalisation of security policy. Particular attention is given to regional diplomacy, security partnerships, economic security, and the enduring importance of the U.S.–Japan alliance.

The broader instruments of Japanese strategic engagement are explored by Raymond Yamamoto, whose contribution focuses on the enduring relevance of Official Development Assistance in a rapidly changing global order. By placing Japanese development cooperation against the backdrop of profound transformations in the international aid environment, Yamamoto highlights the continued importance of non-military instruments of statecraft and their potential relationship with Japan's wider international role.

Rui Saraiva develops a conceptual interpretation of this apparent duality. His analysis challenges the idea that Japan's expanding defence capabilities necessarily represent a straightforward transition towards military normalisation. Instead, he conceptualises Japan as a hybrid strategic actor, combining hard-security capabilities with development cooperation, human security, and adaptive approaches to peace. The concepts of hybridity, adaptiveness, and normative pragmatism provide an innovative framework for understanding this evolving strategic identity.

Japan's expanding security partnerships are further examined by César Rodrigues, who analyses the EU–Japan Security and Defense Partnership established in 2024. His contribution demonstrates how cooperation between Europe and Japan is evolving from political dialogue towards a more structured and operational relationship, particularly in maritime security, cybersecurity, and responses to hybrid threats and Foreign Information Manipulation and Interference.

The regional security environment is addressed from a historical and geopolitical perspective by Diogo Silva, whose analysis of the Diaoyu/Senkaku dispute traces its historical, legal, and political evolution through 2026. By connecting the territorial dispute to contemporary Sino-Japanese relations and the Taiwan issue, the article highlights one of the most enduring sources of strategic tension in Japan's immediate neighbourhood.

Finally, Leandro Silva examines Japan's changing strategic role through Role Theory, comparing the 2013 and 2022 National Security Strategies. His analysis identifies significant changes in Japan's conception of its position, functional responsibilities, and relationships with other actors, while also highlighting persistent role conflict between aspirations for greater strategic autonomy and continued structural dependence on the United States.

Taken together, these contributions point to a Japan at a genuine strategic crossroads: increasingly capable and outward-looking, yet still shaped by the legacies of its post-war order. Japan's future role in the Indo-Pacific will depend not only on its military transformation, but also on how effectively it reconciles defence, diplomacy, development cooperation, strategic partnerships, and normative commitments. Understanding this complex process is essential to assessing not only Japan's trajectory, but also the future configuration of the Indo-Pacific security architecture.

Japão numa Encruzilhada Estratégica: Novas Dinâmicas de Segurança e Defesa

O Japão encontra-se perante uma profunda transformação da sua postura de segurança e defesa. Num contexto marcado pelo agravamento da competição estratégica no Indo-Pacífico, pela crescente incerteza em torno da ordem regional e pela emergência de desafios de segurança cada vez mais complexos, Tóquio tem vindo a reavaliar progressivamente o âmbito das suas responsabilidades estratégicas. A adoção da Estratégia de Segurança Nacional de 2022, bem como os desenvolvimentos políticos que se lhe seguiram, sugerem que o Japão está a ultrapassar os parâmetros que tradicionalmente moldaram a sua identidade de segurança no período pós-guerra. Esta transformação, contudo, não é linear nem está concluída. Trata-se, antes, de um processo contínuo de adaptação, no qual novas capacidades

e parcerias coexistem com constrangimentos institucionais persistentes, compromissos normativos e a centralidade da aliança nipo-americana.

É neste contexto que o presente número especial, "Japão numa Encruzilhada Estratégica: Novas Dinâmicas de Segurança e Defesa", procura analisar as transformações em curso a partir de diferentes perspetivas históricas, teóricas, institucionais e políticas. Considerados em conjunto, os contributos reunidos neste número mostram que o emergente papel estratégico do Japão dificilmente poderá ser apreendido através da noção convencional de "normalização" militar. O que parece estar a emergir é, antes, uma identidade de segurança mais complexa e multidimensional.

Tosh Minohara analisa esta transformação a partir da evolução da postura de segurança do Japão durante o mandato da Primeira-Ministra Sanae Takaichi. O seu contributo enquadra os desenvolvimentos recentes no processo cumulativo de reformas associado às administrações de Abe e Kishida, sustentando que o Japão entrou numa nova fase, caracterizada por uma implementação mais acelerada das reformas e por uma crescente projeção externa da política de segurança. O autor presta particular atenção à diplomacia regional, às parcerias de segurança, à segurança económica e à importância continuada da aliança nipo-americana.

A dimensão mais ampla dos instrumentos de envolvimento estratégico do Japão é explorada por Raymond Yamamoto, que se debruça sobre a relevância continuada da Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) num contexto de profunda transformação da ordem internacional. Ao analisar a cooperação japonesa para o desenvolvimento à luz das mudanças ocorridas no ambiente internacional da ajuda, Yamamoto evidencia a importância persistente dos instrumentos não militares de atuação do Estado e a sua possível articulação com o papel internacional mais amplo do Japão.

Rui Saraiva propõe uma interpretação conceptual desta aparente dualidade. A sua análise questiona a ideia de que a expansão das capacidades de defesa japonesas represente necessariamente uma transição linear para a normalização militar. Em alternativa, conceptualiza o Japão como um ator estratégico híbrido, capaz de combinar capacidades de *hard security* com a cooperação para o desenvolvimento, a segurança humana e abordagens adaptativas à paz. Os conceitos de hibridismo, adaptabilidade e pragmatismo normativo oferecem, assim, um quadro inovador para compreender a evolução da identidade estratégica japonesa.

A expansão das parcerias de segurança do Japão é analisada por César Rodrigues, que se centra na Parceria de Segurança e Defesa UE–Japão, estabelecida em 2024. O seu contributo mostra como a cooperação entre a Europa e o Japão tem vindo a evoluir de um diálogo predominantemente político para uma relação mais estruturada e operacional, nomeadamente nos domínios da segurança marítima, da cibersegurança e das respostas às ameaças híbridas e à Manipulação e Interferência da Informação Estrangeira (FIMI).

O ambiente de segurança regional é abordado por Diogo Silva a partir de uma perspetiva histórica e geopolítica. A sua análise da disputa Diaoyu/Senkaku acompanha a evolução histórica, jurídica e política desta questão até 2026, relacionando-a com as atuais relações sino-japonesas e com a questão de Taiwan. O artigo evidencia, deste modo, uma das fontes mais persistentes de tensão estratégica na vizinhança imediata do Japão.

Por fim, Leandro Silva analisa a evolução do papel estratégico do Japão através da Role Theory, comparando as Estratégias de Segurança Nacional de 2013 e 2022. A sua análise identifica mudanças significativas na forma como o Japão concebe a sua posição, as suas responsabilidades funcionais e as suas relações com outros atores, ao mesmo tempo que evidencia a persistência de um conflito de papéis entre as aspirações a uma maior autonomia estratégica e a continuada dependência estrutural dos Estados Unidos.

Considerados no seu conjunto, estes contributos permitem compreender um Japão numa verdadeira encruzilhada estratégica: progressivamente mais capaz e orientado para o exterior, mas ainda profundamente marcado pelos legados da ordem de segurança do pós-guerra. O futuro papel do Japão no Indo-Pacífico dependerá não apenas da evolução das suas capacidades militares, mas também da forma como conseguir articular defesa, diplomacia, cooperação para o desenvolvimento, parcerias estratégicas e compromissos normativos.

Compreender esta transformação complexa é, por isso, fundamental para analisar a trajetória estratégica do Japão e para para compreender a futura configuração da arquitetura de segurança do Indo-Pacífico.

Luís Cunha